

Edouard Urban, SIE, AG, Porto, 12.05.2021

[Version originale en français, avec traductions en portugais et en espagnol]

Je voudrais souligner l'importance et la relative urgence de l'invitation faites par Yves dans la note de présentation de l'orientation de la SIE.

« il faudrait désormais aller plus loin dans les implications politiques de la démarche ergologique. Ce ne peut être sur un mode classique, avec des « consignes », des « mots d'ordre », ce ne peut être qu'à partir de notre reconnaissance mutuelle comme êtres d'activité. Mais de là, comment être « aux initiatives » sur les dialectiques micro-macro, et faire des suggestions cohérentes de transformation de la vie sociale, liant dans les deux sens l'autogouvernement planétaire et écologique et les réserves d'alternatives issues des myriades de renormalisations quotidiennes ? »

S'il y a une chose que nous a révélé et rappelé la pandémie c'est que notre planète est devenue irrespirable au sens propre et figuré. Par la Covid certes mais aussi par une occupation toujours plus étendue des sols nous rapprochant ainsi dangereusement d'animaux sauvages porteur de virus, par une division internationale de la production qui contribue au réchauffement climatique par les nombreux transports qu'elle implique, par une mondialisation qui poursuit un extractivisme saccageurs des ressources naturelles, par les biens communs (particulièrement la Santé) dilapidés au profit d'objectifs financiers, sans oublier le travail qui plus que jamais est considéré comme une variable d'ajustement que les dominants utilisent comme bon leur semble (je pense ici à l'emploi dû à la pandémie mais aussi au développement de l'informatisation et la robotisation qui se développent et auxquels opposent les dirigeants l'allongement de la durée de vie au travail et l'allongement du temps de travail), retenir aussi la violence d'un management où « d'une façon ou une autre, par la fenêtre ou par la porte » il faut faire plier les salariés, comme le professait le PDG de France Télécom, et malheureusement il n'y a pas qu'à FT. Il faut constater actuellement combien les entreprises profitent de la pandémie pour réorganiser avec brutalité les organisations de travail. Sans oublier les premiers de cordée traités comme héros hier qui restent les premiers de corvée aujourd'hui.

Face à cet étouffement qui ira en s'aggravant il y a effectivement urgence et nécessité de travailler sur des alternatives à ce système. Les nombreuses luttes de par le monde, à l'exemple dernièrement de la Colombie, s'y emploient. Alternatives aussi portées par des syndicats CGT, FSU, Solidaires, l'UNEF avec des associations Greenpeace, Alternatiba, ATTAC qui ont publié ensemble un appel « Plus jamais ça! Un Monde à reconstruire ». Au sein du département outre le livre d'Yves (*Travail, ergologie et politique*, Ed. La Dispute, 2021), C. Castejon, le groupe Garimpo du Brésil, D. Efros et moi-même dans *Ergologia* qui sort prochainement sans oublier la réflexion de D. Faïta et de P. Bachman. D'autres initiatives se préoccupent de cette nécessité.

Faisant notre ce que Jacques Durrafourg écrivait « aucun des problèmes qui se posent à notre société ne pourra être pensé sérieusement tant que le travail ne sera pas au centre de tous les acteurs de notre vie politique, économique et sociale ». Nous ne pouvons pas être en reste, nous ne pouvons que répondre positivement à la tâche du présent.

C'est pourquoi je propose que la question de **Libérer le travail** soit un des thèmes des mois qui viennent au sein de la S.I.E.

Il pourrait être le thème du prochain congrès et à ceci dès maintenant, s'ajoute la mise en place d'un ou plusieurs groupes de travail sur cette question qui pose à la fois des questions épistémologiques

(changement de paradigme) et à la fois des questions de pratiques, de méthodologie puisque bien attendu il s'agit de s'appuyer sur les réserves alternatives des salariéEs et aussi de capitaliser les initiatives existantes comme celle de « Desastres, trabalho e comunidades » présentée le 1^o jour du congrès .

« Le temps de la réfutation est terminé. Vient celui de l'affirmation conditionnelle, c-à-d celui d'un futur qui reste à écrire sans garantie ni promesse, celui du surgissement des possibles féconds et porteurs de vie » (Achille Mbembe ; voir : *Politique des temps : Imaginer les devenirs africains*, sous la direction d'Achille Mbembe et Felwine Sarr, Ed. Philippe Rey/Jimsaan, 2019).

« L'utopie ce n'est pas l'irréalisable c'est l'irréalisé », ou comme dit E. Glissant c'est « ce qui manque au monde ».

Gostaria de sublinhar a importância e a relativa urgência do convite feito por Yves na nota de apresentação do relatório de orientação da SIE.

“Devemos agora aprofundar as implicações políticas da abordagem ergológica. Não pode ser de um modo clássico, com ‘instruções’, ‘palavras de ordem’; só pode basear-se no nosso reconhecimento mútuo como seres de atividade. Mas a partir daí, como estar ‘nas iniciativas’, nas dialéticas micro-macro, e avançar sugestões coerentes de transformação da vida social, articulando nos dois sentidos o autogoverno planetário e ecológico e as reservas de alternativas resultantes das miríades de renormalizações diárias?”

Se há algo que a pandemia revelou e nos lembrou, é que o nosso planeta se tornou irrespirável, no sentido literal e figurado. Em razão da Covid, claro, mas também por um uso cada vez mais extensivo dos solos, aproximando-nos assim perigosamente de animais selvagens portadores de vírus; por uma divisão internacional da produção que contribui para o aquecimento climático, pelos numerosos transportes que ela implica; pela mundialização que prossegue um extrativismo que arrasa os recursos naturais; pelos bens comuns (particularmente a Saúde) delapidados em benefício de objetivos financeiros, sem esquecer o trabalho que, mais do que nunca, é considerado como uma variável de ajustamento, que os que dominam usam como bem entendem (estou a pensar aqui no emprego devido à pandemia, mas também ao desenvolvimento da informatização e da robotização que se vão desenvolvendo e aos quais os dirigentes respondem com o prolongamento da vida laboral e o prolongamento do horário de trabalho). Mas, convém também referir a violência de uma gestão onde "de uma forma ou de outra, pela janela ou pela porta", é preciso submeter o assalariado, como professou o PDG da France Telecom, e infelizmente não é apenas aí. Devemos agora ver o quanto as empresas estão aproveitando a pandemia para reorganizar brutalmente as organizações de trabalho. Sem esquecer os da "linha da frente" tratados como heróis ontem, e que continuam sendo os primeiros em serviço para as tarefas ingratas hoje.

Diante desse sufoco, que vai se agravando, há de facto a urgência e a necessidade de trabalhar as alternativas a esse sistema. As muitas lutas ao redor do mundo, de que é mais recentemente exemplo a Colômbia, estão a trabalhar para o conseguir. Alternativas também conduzidas pelos sindicatos CGT, FSU, Solidaires, a UNEF com as associações Greenpeace, Alternatiba, ATTAC que publicaram em conjunto um apelo "Nunca mais isto! Um Mundo a reconstruir". No departamento também, além do livro de Yves (*Travail, ergologie et politique*, Ed. La Dispute, 2021), C. Castejon, o grupo Garimpo do Brasil, D. Efos e eu, no número da revista Ergologia que sairá em breve - sem esquecer a reflexão de D. Faïta e P. Bachman. Outras iniciativas atendem a essa necessidade.

Fazendo nosso o que Jacques Durrafourg escreveu, "nenhum dos problemas enfrentados pela nossa sociedade pode ser considerado seriamente, enquanto o trabalho não estiver no centro de todos os atores de nossa vida política, económica e social". Não podemos ficar para trás, só podemos responder positivamente à tarefa do presente.

Por isso, proponho que a questão de **Libertar o trabalho** seja um dos temas dos próximos meses no seio da S.I.E.

Podia ser o tema do próximo congresso. E para isto, desde logo, se junta a constituição de um ou mais grupos de trabalho sobre esta questão que coloca tanto questões epistemológicas (mudança de paradigma) como questões de práticas, de metodologia, já que, obviamente, se trata de contar com as reservas de alternativas da.o.s assalariada.o.s e também de capitalizar as iniciativas existentes, como a de "Desastres, trabalho e comunidades" apresentada no 1º dia de congresso.

"O tempo da refutação acabou. Vem aí o da afirmação condicional, isto é, a de um futuro que fica por escrever sem garantia nem promessa, o da emergência de possíveis fecundos e portadores de vida" (Achille Mbembe ; voir : *Politique des temps : Imaginer les devenirs africains*, sous la direction d'Achille Mbembe et Felwine Sarr, Ed. Philippe Rey/Jimsaan, 2019); "A utopia não é o irrealizável, é o irrealizado", ou, como diz E. Glissant, é "o que falta ao mundo".

Quisiera subrayar la importancia y la relativa urgencia de la invitación hecha por Yves en la nota de presentación del reporte de orientaciones de la SIE.

"Deberíamos ir más lejos en las implicancias políticas de la perspectiva ergológica. Ello no puede darse de un modo «clásico», con «consignas», con «órdenes», sino que no puede darse de otro modo que a partir de nuestro reconocimiento mutuo como seres de actividad. Pero, cómo estar «en las iniciativas» sobre las dialécticas micro-macro, haciendo sugerencias coherentes de transformación de la vida social, ligando los dos sentidos del auto gobierno planetario y ecológico con las reservas de alternativas derivadas de las incontables renormalizaciones cotidianas?"

Si hay algo que ha quedado claro con la pandemia es que nuestro planeta ya no es respirable en el sentido estricto ni en el figurado. Debido al Covid pero también a una ocupación cada vez más extendida de los territorios que nos acerca tan peligrosamente con animales portadores de virus, a una división internacional de la producción que contribuye al calentamiento climático por los diversos tránsitos de transporte que ella implica, a una mundialización que persigue una extracción desmedida de nuestros recursos naturales, a los bienes comunes (particularmente la salud) exprimidos para el beneficio de objetivos financieros, sin olvidar el trabajo que más que nunca es considerado como una variable de ajuste por los poderosos (pienso aquí en el uso del trabajo en el contexto de la pandemia pero también en el desarrollo de la informatización y la robotización que se vienen desarrollando y a los cuales los dirigentes responden con la ampliación del tiempo de vida en el trabajo y del tiempo de trabajo) Conviene recordar asimismo la violencia de un management donde "de una forma u otra, por la ventana o por la puerta" hay que doblegar a los trabajadores, como lo recordaba el CEO de France Télécom, y esto no pasa sólo en France Télécom. Es necesario constatar actualmente la forma en que las empresas obtienen rédito de la pandemia para reorganizar brutalmente las organizaciones de trabajo. Sin olvidar a los de "la línea de frente" tratados como héroes ayer y que continúan siendo los primeros a prestar servicio para las tareas ingratas de hoy.

Para enfrentar esta asfixia que continuará agravándose, se plantea la necesidad y la urgencia de trabajar en alternativas a este sistema. Las numerosas luchas por el mundo, lo que está sucediendo actualmente en Colombia, son una manifestación de esta necesidad. Alternativas desarrolladas por los sindicatos CGT, FSU, Solidaires, la UNEF con las asociaciones Greenpeace, Alternatiba, ATTAC, que publicaron conjuntamente un llamado “Nunca más esto! Un mundo a reconstruir”. En el seno del departamento de Ergología, tenemos el libro de Yves (Travail, ergologie et politique, Ed. La Dispute, 2021), C. Castejon, el grupo Garimpo en Brasil, D. Efos y yo mismo en el próximo número de la Revista Ergología, sin olvidar la reflexión de D. Faïta y de P. Bachman. Y otras iniciativas que se preocupan de esta necesidad.

Tomando lo que Jacques Durrafourg escribía: “ninguno de los problemas que se plantean hoy a nuestra sociedad podrán ser pensados de forma seria en tanto el trabajo no esté en el centro de todos los actores de nuestra vida política, económica y social” No podemos quedar afuera, no podemos más que responder que sí al desafío del presente.

Es por ello que propongo que el tema de **Liberar el trabajo** sea uno de los temas en los próximos meses en el seno de la SIE.

Podría ser el tema del próximo congreso y para ello, desde ahora, deberían ponerse en funcionamiento uno o más grupos de trabajo sobre esta cuestión, lo que plantea simultáneamente cuestiones epistemológicas (cambio de paradigma) a la vez que cuestiones prácticas, de metodología, porque, obviamente, se trata de contar con las reservas de alternativas de los asalariados y también de capitalizar las iniciativas existentes como las de “Desastres, trabajo y comunidades” presentada el primer día del Congreso.

“El tiempo del resentimiento ha terminado. Viene el de la afirmación condicional, es decir el de un futuro aún por escribirse sin garantía ni promesa, aquel del surgimiento de posibles nacimientos y portadores de vida” (Achille Mbembe; ver: *Politique des temps: Imaginer les devenirs africains*, bajo la dirección de Achille Mbembe et Felwine Sarr, Ed. Philippe Rey/Jimsaan, 2019).

“La utopía no es lo que no se puede construir, es lo que aún no se ha construido”, o como dice E. Glissant: “es lo que le falta al mundo”.